

3.1.4 A espiritualidade dos Padres da Igreja

ARI LUÍS DO VALE RIBEIRO

Sacerdote, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção – São Paulo.

E-mail: ari.luisvr@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO:

RIBEIRO, A.L.V. **A espiritualidade dos Padres da Igreja.** URL: [www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html](http://www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html). São Paulo SP, v.10, n.1, p. 130-151, jan/2020.

Introdução

O presente estudo quer oferecer uma abordagem à espiritualidade dos Padres da Igreja (PP), os escritores da Igreja antiga (séc. I-VII). Seus preciosos escritos testemunham a vida da Igreja, que cresce e ganha ordenamento, no tempo e no espaço, a partir do evento Jesus Cristo.

A noção de 'Espiritualidade' é moderna; nos PP encontramos teologia espiritual, ascese e mística ou simplesmente vida cristã e evangélica (Hammam 511).

A partir dos seus textos, seus Autores e contextos, pode-se conhecer, assim, a espiritualidade da Igreja na Antiguidade.

Este estudo está apresentado em três passos: em primeiro lugar, uma abordagem cronológica; em segundo, uma abordagem das correntes espirituais propostas pelos PP; por fim, uma abordagem dos gêneros literários através dos quais se aborda a espiritualidade dos PP. Sempre que possível, as obras citadas terão a indicação de sua versão em português.

A. A abordagem cronológica

1. As Comunidades judaico-cristãs e os Padres Apostólicos:

1.1. A *Didaqué* (séc. I) descreve as práticas da vida cristã no quadro da tradição judaica e evangélica: jejuns, orações, obras (Hammam 511); o Batismo significa profunda transformação; propõe aos neobatizados o caminho da vida em oposição ao da morte que, em outros documentos, representará a luta entre o espírito bom e o espírito mau; no centro da vida cristã está o discernimento espiritual; o 'Decálogo' (os Dez Mandamentos) é proposto com matizes cristãos; a simplicidade do olhar

e a unidade do coração permite à pessoa aderir verdadeiramente à vontade de Deus; recomenda a acolhida simples e prudente para com os ministros itinerantes, apóstolos e profetas (“falsos profetas”: judaizantes, gnósticos, montanistas e encratistas, os quais censuravam a vida sexual dos casados); a instituição da hierarquia exige a caridade e a submissão; os cristãos são convidados à leitura espiritual do *Antigo Testamento*, cujas promessas se cumpriram em Jesus Cristo (Guerra 492-493); a catequese apresentada sob a forma das 'Duas Vias' (cap. I-VI) precede e prepara o Batismo (cap. VII; cf. Figueiredo 2009, 164); viver na expectativa comum na Parusia, a volta do Senhor (cap. X; cf. Figueiredo 2009, 171).

1.2. As *Odes de Salomão* refletem um fervor e uma exaltação mística;

1.3. A *Carta do Pseudo-Barnabé* apresenta a espiritualidade do Batismo em que o autor configura a perfeição cristã como novo templo habitado pelo Espírito Santo; testemunha a releitura cristã do *Antigo Testamento*; a Eucaristia é a oração por excelência, a reunião na unidade onde somos perdoados, onde se dá graças por conhecer a Jesus Cristo, que se estende na caridade para com os necessitados (Guerra 493);

1.4. O *Pastor de Hermas* é mais realista, combate os rigoristas, fala da perfeição cristã, mas também das possíveis quedas; os pecadores são chamados a construir a Torre, imagem da Igreja, conquanto façam penitência (*Sim VI 3,4,6*); pede que sejam observadas as virtudes indispensáveis, antes dos conselhos evangélicos (*Sim V 1,4-5*); insiste sobre a importância da alegria e da confiança (*Prec X 1,2*) e sobre o discernimento dos espíritos (*Prec VI 2, 3-5*); todos estes escritos, especialmente a *Didaqué*, acentuam a escatologia, que polariza toda a vida espiritual, pois todas as comunidades estão voltadas para a volta de Cristo, por elas considerada iminente (Hammam 511);

1.5. *S. Inácio de Antioquia* (+107) toma duas direções complementares;

1.5.1. em nível eclesial, assinala o papel do Bispo como homem da Igreja, centro e garantia da unidade da Igreja: a vida espiritual se desenrola na assembleia, sede principal da oração, na Eucaristia, na obediência e na união com o Bispo; 1.5.2. em nível individual, está a união com Cristo, em revestir-se de Cristo, de sua paixão, de sua morte,

para participar de sua ressurreição; a Eucaristia é esse mistério e esta esperança; o martírio lhe parece uma liturgia e um caminho mais curto para o encontro com Cristo e o Pai; com S. Inácio e S. Policarpo de Esmirna (+155) dá-se a formação de uma “teologia do martírio”, a confissão de fé, a presença de Cristo, o prolongamento da paixão e da Eucaristia, o testemunho eclesial, e a afirmação da futura ressurreição, atestada nas *Atas dos Mártires* e pelas *Paixões dos Mártires* (Hamman 511);

2. *Padres apologistas*. Preocuparam-se mais em apresentar o cristianismo aos pagãos do que expor a vida espiritual;

2.1. S. *Justino* testemunha a vida sacramental e comunitária dos fiéis; os cristãos, iluminados por Cristo, conhecem a verdade e possuem a graça de viver uma vida virtuosa (*II Apol* 10,3) (Hamman 511); o Batismo é compreendido como libertação, purificação e iluminação; à medida em que o homem vive segundo a “semente da verdade” (cf. *II Apol* 8,1) ele se torna livre e liberta os outros; a participação no Logos-Jesus é apenas parcial, e a libertação é parcial também; o Batismo é o sacramento que consagra uma adesão definitiva à Luz, ao Logos total, à Verdade plena; aquele que recebe o Batismo é chamado 'iluminado' (*photismós*) para indicar a passagem do mundo das trevas à participação na luz de Cristo (Figueiredo 2009, 164-165);

2.2. S. *Irineu* (+202) descreve a progressiva ascensão para o conhecimento (visão) de Deus e a importância da ação do cristão no mundo; lentamente Deus prepara o homem para receber o Verbo, o Logos divino (cf. *AH* IV, 38,3); lenta ascensão, que é purificação e transformação do homem todo para receber a incorruptibilidade pelo Batismo e pela ação do Espírito Santo (*AH* V, 36, 2.30; *Epid* 7) (Hamman 511; cf. Figueiredo 2009, 166);

2.3. A *Carta a Diogneto* (séc. III) assinala a consciência de que os cristãos são uma “terceira raça” entre judeus e gentios (Guerra 493), e afirma que são a “*alma do mundo*” (*Diog* 6) por irradiarem o amor de

Deus pelo homem, que é a razão de ser da criação: “se amamos a Deus, imitaremos seu terno afeto” (*Diog* 10, 4-5; *apud* Hammam 511);

2.4. A literatura apócrifa, apesar de tendenciosa e manipulada por correntes heterodoxas, reflete um significativo fervor espiritual popular, por vezes descontrolado; apresenta a irrupção da redenção do mundo através de Cristo, a recuperação universal do cosmo mediante a ressurreição, a confiança inabalável em Cristo e em seu poder, a devoção amorosa a Jesus, a fé numa escatologia que se realiza, e a exaltação da mulher-virgem; a partir do séc. II, a Igreja se obriga, diante dos encratistas e outras seitas, a defender o matrimônio e o convite a uma vida perfeita dirigida a todos (Hammam 511; cf. Guerra 493);

2.5. A virgindade cristã, praticada por homens e mulheres, é apresentada pelos apologistas (“*Quantos homens e mulheres nas 'ordens' da Igreja se encontram entre os que praticam a continência! Eles preferiram contrair matrimônio com Deus*”; Tertuliano, *De Exhort. Cast.* 13,4; *apud* Figueiredo 1984, 119), e aprofundada nos tratados de espiritualidade, floresceu na Igreja desde o séc. I; Jesus, que foi virgem, revela que a virgindade constitui um chamado individual, seguido por Paulo, que a considera preferível ao matrimônio, como amor exclusivo a Deus; alguns bispos reuniram as virgens em comunidade, e assim se tem a origem remota da vida religiosa feminina (Guerra 493); constituiu-se na Antiguidade a “Ordem das Virgens” (que o Papa Paulo VI restaurou em 1970; S. C. Culto Divino, *Ordo Consecrationis virginum* (31.05.1970)*; popularmente, elas são chamadas “leigas consagradas”) e a “Ordem das Viúvas”, sem estar configuradas ao Sacramento da Ordem; no testemunho de S. Hipólito Romano (+236): “*uma viúva não é ordenada ao ser instituída: é eleita pela simples inscrição do nome (...). Não se imponha a mão sobre ela, porque não oferece a Oblação nem exerce a liturgia. A ordenação existe para o clero por causa da liturgia, mas a viúva só é instituída para a oração: esta é de todos*” (*Tradição Apostólica* [Vozes, 1971], 42; *apud* Figueiredo 1984, 120, nota 127).

3. Séc. III. São exponenciais as cidades africanas de Alexandria e de Cartago (África): a Igreja se desenvolve apesar da perseguição sempre

mais violenta, conservando seu espírito de vigilância e de preparação para o martírio;

3.1. *Tertuliano* (m. 220), polemista e moralista mais que um mestre espiritual, trata do Batismo, da oração, do martírio, da paciência, da castidade, expressando um ideal voltado até para o heroísmo e o martírio (Hammam 512);

3.2. *S. Cipriano de Cartago* (+258) compôs obras de caráter pastoral e espiritual; tratou, entre outros, da unidade da Igreja (Igreja una), da oração, do martírio e da vigilância; os escritos de Cipriano estão entre os mais lidos em toda a história da Igreja (Hammam 512); nos seus dez anos a frente da Igreja de Cartago exerceu significativa liderança sobre os Bispos das Igrejas do norte da África (África Proconsular) e sofreu dificuldades de todos os gêneros; trabalhou para a unidade da sua Igreja e para a unidade da Igreja universal, tema para o qual publicou um pequeno tratado (Vozes, 1973; Paulus, 2016); sua aspiração é que estas unidades se realizem na Eucaristia; deseja que haja unidade entre os gentios e cristãos, entre fiéis e os que não resistiram à perseguição (*lapsi*), entre os confessores que sobreviveram ao martírio e os que têm a tarefa de dirigir a Igreja; apresenta os mesmos temas de Tertuliano, sem o mesmo rigorismo, com caridade pastoral e delicadeza humana (Guerra 495);

3.3. *Clemente de Alexandria* (+215) viveu um itinerário espiritual muito variado até encontrar o Cristo, propôs o 'gnosticismo cristão' que implica no fiel iluminado para a perfeição, iluminado pelas Escrituras, que se comunica aos irmãos, e a abertura ao mundo no qual se deve dar testemunho (Guerra 494); o perfeito modelo a ser imitado é o Cristo, o Logos (*Ped I 2,4*); o Povo de Deus é um 'povo de meninos' (crianças espirituais), pois vivem num mundo gentio e devem tomar o Cristo como referência em todas as circunstâncias da vida, para ser conduzido a uma fé límpida (Guerra 494; cf. Hammam 512);

3.4. *Orígenes* (+254): seu ponto de referência principal é a 'inabitação divina', que torna o justo Templo de Deus e do Espírito (Hammam 512); a ascese é o meio de se chegar à serenidade em Deus (*apátheia*), tema que será desenvolvido pelos Capadócijs e por Agostinho (Figueiredo

2009, 172-173); Jesus Cristo conduz aos segredos do Logos, e este a Deus (Guerra 494); há uma tríplice presença de Deus, nas Escrituras, na Igreja e no cristão; mais do que presença, há união, que é ao mesmo tempo impulso e o termo da ascensão espiritual; união que tem seu último resultado no êxtase; após as preparações (ascese) se dá o encontro com Deus, a união íntima (*De or.* 21,2); portanto, da ascese para a contemplação mística; a ascese é essencialmente escatológica, pois prepara o 'dia eterno', a volta do Senhor, quando Deus será tudo em todos (Hammam 512); aos moldes da Escola Exegética de Alexandria, Orígenes desenvolveu o sentido espiritual das Escrituras, e dos sentidos espirituais dos cristãos; propôs temas que serão retomados em épocas posteriores: o nascimento do Logos na alma, os graus da perfeição, a ferida do amor, a ascensão à morada da contemplação; o homem, guiado pelo Espírito, está a serviço dos irmãos; os que rezam com as Escrituras e penetram os mistérios de Deus devem ajudar os outros a ir até Deus (Guerra 494); Orígenes terá grande influência, no Oriente e no Ocidente (Hammam 512).

4. *Idade de Ouro da Patrística – De Nicéia (325) a Calcedônia (451).*

4.1. As *Catequeses Batismais*, ao mesmo tempo doutrinárias, ascéticas e litúrgicas, refletem um convite à conversão e à vida evangélica (cf. *Cirilo de Jerusalém, Cat* 1); o grande número de *Sermões batismais* prova o empenho dos PP na preparação à fé sólida e tornada compreensível (Hammam 512);

4.2. A *Quaresma*, era tempo de retiro para toda a Igreja: de preparação dos catecúmenos, de reconciliação para os pecadores, e de mobilização e aprofundamento da fé para todos;

4.3. A *Pregação*, tanto no Oriente quanto no Ocidente, reflete uma doutrina espiritual para o povo cristão, nutrida pela Escritura e pela Liturgia, dirigida a todos os estados de vida, especialmente o matrimônio e a família;

4.4. A *Liturgia*. São preciosas as expressões litúrgicas contidas nos textos dos PP: Aclamações, doxologias, o *Trisagion* (Santo, Santo, Unifalco em Pesquisa, São Paulo SP, v.10, n.1 jan/2020

Santo), o *Maranathá* (Vem Senhor!); o *Kyrie eleison*; a *Liturgia* é a norma de vida dos cristãos; os textos e as exposições doutriniais dos PP ensinam como se rezava e são escola de oração, reflete como era a vida orante dos convertidos, a participação no mistério, numa palavra, a vida que emanava da Eucaristia como fonte de comunhão com Deus e com os irmãos (Romero-Pose 22); há um íntimo vínculo entre a Liturgia e a Escritura: a tradição litúrgica nasce e se desenvolve repleta de conteúdo bíblico, de forma que na Liturgia se dá uma adaptação das Escrituras às necessidades do culto (cf. J. Danielou, *Bible et liturgie, la theologie biblique des sacraments et des fêtes d'après des Pères de l'Église*; Paris, *Lex Orand* 11, 1958, 2ª ed., 12s; *apud* Benoit 78); desta forma, os PP submeteram a sua piedade e seu culto à Escritura; as liturgias antigas são plenas de alusões e reminiscências bíblicas; pode-se, portanto, constatar que a Liturgia dos PP é a expressão de uma piedade moldada pelas Escrituras e nutrida pela sua leitura (Benoit 78-79); o melhor caminho para se identificar a singularidade de cada forma litúrgica da Igreja na Antiguidade é descobrir a tradição bíblica subjacente, ou seja, aproximar-se das leituras e interpretações da Escritura como ponto de partida das posições da Grande Igreja e daquelas que apoiavam as propostas eclesiais, e que a verdade e a fé católica se manifesta na Liturgia (Romero-Pose 29-30); na da Liturgia dos PP se depreende a dimensão pneumatológica, pois é o Espírito que nos lê e interpreta a Escritura (Romero-Pose 62).

4.5. As *Cartas de direção espiritual* (Basílio, Crisóstomo, Agostinho, Jerônimo, Paulino de Nola);

4.6. A *Hagiografia* (Vidas dos Santos). O fervor dos mártires continuou especialmente entre os monges (cf. *infra*) e as virgens; a época constantiniana deu livre curso ao culto dos mártires, que se seguirá ao culto dos santos; a hagiografia é a literatura proporcionada por tal culto (Hammam 512); este gênero literário (cf. *infra*), que se tornou mais frequente nos séc. V e VI, quando ocorriam na Europa e na África cristã as invasões bárbaras, testemunha o trabalho evangelizador realizado nos indivíduos e nos grupos (Guerra 496).

4.7. *Peregrinações*, a partir do séc. IV. Egéria, uma mulher da Hispania (séc. IV), atual Espanha, escreveu sua peregrinação a Terra Santa (*Peregrinação de Etéria*. Vozes, 1971), que na opinião de A. Hammam poderia ser padroeira e modelo das peregrinações (Hammam 512).

5. S. *Ambrósio de Milão* (+397) desenvolveu o sentido da virgindade concentrado no amor a Cristo; na sua obra *De Officiis* dá ao clero de sua Igreja o primeiro tratado sobre a vida sacerdotal; inspirou-se em Orígenes e Basílio Magno (Guerra 495).

6. S. *Jerônimo* (+420), nascido na Dalmácia, foi diácono da Igreja de Roma e radicou-se na Palestina. Além de tradutor da Bíblia (Vulgata) e de comentador dos textos bíblicos, Jerônimo escreveu muitas *Cartas* sobretudo para as suas dirigidas espirituais; foi propagador entusiasta da vida monástica, insistindo na abnegação, ascese e meditação da Palavra de Deus (Guerra 495).

7. S. *Agostinho*. Passou pelo maniqueísmo e pelo platonismo espiritualista antes de se encontrar com Cristo; foi teólogo profundo, movido pela própria miséria a se abandonar confiantemente a Deus; nos seus escritos expõe uma visão dinâmica da vida cristã, em que tudo se concentra na caridade que é Deus, e Deus Trindade; a caridade serve para superar a tentação; os pecados servem para quem ama a Deus, quando ora com humildade, confiança e fidelidade; sem a humildade, que procede do verdadeiro conhecimento de si mesmo diante de Deus, nenhuma outra humildade é possível; suas obras falam do amor de Deus, o bem supremo, e do amor de Cristo difundido em todos os membros do seu corpo; e porque evocam e oram ao Mestre interior, o Espírito faz conhecer a verdade; Agostinho se eleva a partir das criaturas até a luz imutável, que é a Trindade; o Espírito do homem é “assumido” pelo Espírito divino no amor e na alegria de um contato espiritual; depois do êxtase, o contemplativo volta às coisas ordinárias; quando alguém ama a Deus torna-se colaborador do amor que Deus tem pelos homens (Guerra 498); com sua teologia, sua *Regra* para os religiosos, seu itinerário para Deus, exerceu uma influência duradoura na Idade Média (Hammam 512); a *Regra* de Agostinho (*A Via da Comunhão de Bens*. Petrópolis, Vozes, 1988) tem sua origem numa

Carta dirigidas a monjas; nela Agostinho louva a caridade mútua, o espírito de pobreza, a humildade e a castidade; une o ideal monástico à atividade sacerdotal, suave sem ser fraca, e austera sem ser rígida (Guerra 498); a *Regra* de Agostinho foi adotada na Idade Média pelos cônegos das catedrais, os “cabidos”, e dos chamados “cônegos regulares”, mas não teve a difusão que tiveram a de S. Basílio e depois a de São Bento, tendo sido adaptada no século XII, quando surgem os frades e freiras ditos agostinianos, na esteira do “movimento dos mendicantes”, do qual fazem parte também os franciscanos, os *dominicanos* e os *carmelitas* (Carvalho 46).

8. S. João Crisóstomo (+407) expressou em suas obras a sua espiritualidade nas quais falou do valor moral da oração e da graça, manifestou que uma das formas mais realistas da caridade é a esmola e a distribuição dos próprios bens; interessou-se pelos diversos estados de vida; no seu Tratado sobre Sacerdócio (O Sacerdócio; Vozes, 1979) apresenta o ideal do sacerdote, homem da Palavra e da Eucaristia; aos casados fala da perfeição espiritual de seu estado, passando de uma posição bastante pessimista sobre o matrimônio para uma avaliação mais justa: os casados participam do mistério de Cristo, devem educar os filhos na sabedoria, e ser apóstolos diante dos demais homens; defende a virgindade cristã, descrevendo as suas motivações espirituais; afirma que todos os fiéis devem escutar a Palavra de Deus com alma de pobre, e participar da ‘filosofia de Cristo’; contemporâneos a Crisóstomo, vários Bispos trataram da espiritualidade do matrimônio e da fidelidade conjugal, como Cirilo de Jerusalém (+386), Teodoro de Mopsuéstia (+428) e Nicetas de Ramesiana (+414), na atual Sérvia (Guerra 498).

9. *Afraat* (Aphraat) de Mari (+345), na Pérsia, atual Irã, desenvolveu um ascetismo prático baseado quase exclusivamente na Escritura; sua espiritualidade otimista se dirige a fiéis que vivem como ascetas sem emitir os votos religiosos (Guerra 498).

10. S. *Efrém* (+373), diácono da Mesopotâmia, conhecido por seus hinos e seus sermões, lembra que a fé inclui o amor e deve manifestar-se

exteriormente; fala frequentemente da Virgem Maria e contempla na virgindade a antecipação do Paraíso (*Guerra 498*).

11. S. João Cassiano (+435) deu a conhecer ao mundo latino (ocidental) a experiência do monacato oriental e sua doutrina, especialmente dos 'PP do deserto'; fundou em Marselha, atual França, duas comunidades monásticas, uma masculina e outra feminina, e escreveu as Instruções Monásticas; o valor de suas obras foi reconhecido por muitos séculos (*Guerra 496*).

12. Dionísio Pseudo-Areopagita ou Pseudo-Dionísio (séc. IV). No início do séc. VII surgem na Europa escritos misteriosos atribuídos a Dionísio, Bispo de Atenas, discípulo de Paulo (citado em At 17); depois percebeu-se tratar de escritos neoplatônicos do séc. IV; os escritos areopagitas, de difícil compreensão, desenvolvem a concepção de que o universo é composto de hierarquias, onde, cada qual, possui função edificante e iluminadora; há hierarquias celestes e hierarquias eclesiásticas, estabelecidas segundo uma ordem divina; os obras *Teologia Mística* e *Nomes divinos* falam da treva divina, celebram a união com o autor transcendente de todas as coisas na nudez espiritual; aplica às realidades divinas os símbolos do mundo; ou, melhor, negar os limites das representações humanas equivale dizer que a negação transcendente é superafirmação de Deus; é a chamada "teologia negativa"; o êxtase verifica-se na treva iluminada, que supera toda elaboração discursiva, e é efeito do amor; influenciou S. Máximo Confessor (cf. *infra*), S. João Damasceno (+749) e, mais tarde, Gregório Palamas, no séc. XIV (*Guerra 497*). Tem-se em português os escritos do Pseudo-Dionísio (*Obra Completa; Paulus, 2004*).

13. S. Bento (+547), Pai do Monacato ocidental, organizou uma "escola de serviço do Senhor" onde a comunidade monástica delibera sob a autoridade do abade, e pratica a obediência, o silêncio e humildade, que é a síntese da ascese monástica; a oração pública e privada assinala o ritmo do mosteiro; sua orientação está codificada na Regra (*Lumen Christi, 1980; Vozes, 1993; cf. M. Barros Souza, Na Estrada do Evangelho; Petrópolis, Vozes, 1993*), original pela estabilidade que prescreve e pela discrição que inspira; faz do trabalho o elemento da

organização monástica, daí o mote *Ora et labora* (reza e trabalha); suas exigências espirituais se adaptaram ao Ocidente, e a sua *Regra* impor-se-á em todas as fundações europeias a partir do séc. VIII (Guerra 497).

14. S. *Gregório Magno* (+604), o primeiro monge que foi eleito Bispo de Roma, reexpressará o pensamento agostiniano através das suas *Moralia*, *Homilias*, *Regula Pastoralis* (Hammam 512); a *Regula Pastoralis* é exame de consciência sobre a arte de ajudar as almas, que servirá de direção para o clero medieval; entre contemplação e ação, Gregório encontra uma “via mista” (tema também presente nas suas *Cartas*), na qual a contemplação desemboca na ação, que é o esforço ascético e a atividade desempenhada a serviço dos homens; conhecedor da miséria humana, Gregório expressa a confiança em Jesus Cristo, o Mediador, que manifestou aos homens a “disposição” divina da salvação; analisou a questão da tentação, inculcou a circunspeção, exalta a pureza de coração, que se conquista graças a compunção, e indica as vias da contemplação; a alma deve entrar em si mesma ao invés de ficar fora de si, arrebatada em Deus, a luz infinita; este Deus que está dentro do homem, que é tudo e está em toda a parte, une-se ao homem no amor; seus escritos inspirarão livros no séc. VII, que ajudarão os fiéis a viver como penitentes voluntários, imbuídos do senso do pecado e do medo do juízo; a compunção será um dos sentidos espirituais mais difundidos (Guerra 497-498).

Correntes de Espiritualidade

A. *Espiritualidade Prática*. É a característica do primeiro ambiente cristão, dos primeiros discípulos dos Apóstolos; diz respeito à vida eterna, à força do Espírito Santo que Jesus enviou a Igreja; eles davam testemunho por meio do martírio e das boas obras; o livro do *Gênesis* apresenta a criação do mundo, a “grande obra de Deus”; toda a vida de Jesus é executar a obra (*érgon*) ou as obras (*erga*) de Deus; os seus ouvintes lhe colocaram a pergunta: “o que fazer para realizar as obras de Deus?” (*Jo* 6,28); a expressão “obra de Deus” é um termo muito

difuso na vida monástica; e os monges eram convictos de que ela exige fadiga; João Colobos (+405), um dos 'PP do deserto' (cf. infra) define o monge com a palavra *Kópos*, que quer dizer fadiga, “*porque o monge fadiga em cada obra, e é somente assim que ele é monge*” (*Apoftegmi* 37: PG 65, 216 CD; *apud Špidlík* 23); é verdade que o termo “obra de Deus” é muito vasto; para os latinos, o termo *opus divinum* começa com a liturgia (*Špidlík* 23-24). Os gregos distinguem duas séries de ações humanas: a *praxis* e a *theoria*: “*a theoria tomada como consideração do que é inteligível, a praxis permanece na esfera da ação*” (Gregório Nanzianzeno, *Carm.* I, II, 34, v. 190; PG 37, 955; *apud Špidlík* 24); também na Antiguidade grega se discutia frequentemente sobre as vantagens de um e de outro modo de viver, dando precedência à vida prática ou filosófica; a práxis cristã é certamente diferente da atitude “prática” dos pagãos (os filósofos), pois compreende a purificação dos pecados e o exercício das virtudes, em especial a caridade; porém, o que distingue a espiritualidade prática é o forte acento colocado no aspecto da vida cristã: a observância do Decálogo é o caminho certo para entrar no Reino de Deus e ser participante das promessas de Cristo; tal foi o ensinamento dos PP Apostólicos, e o ensinamento dos primeiros monges (séc. IV), seja eremitas, seja cenobitas; o propósito principal das *Regras* de Basílio Magno (+379) é ensinar a cada um os deveres do cristão que toma a Bíblia como regra para a sua vida (*Regras Monásticas*; Vozes, 1983); as numerosas homilias de S. João Crisóstomo (+407), as *Instruções* de Doroteu de Gaza (séc. VI), as biografias dos santos, ensinam como tornar viva e operante a fé em Cristo; os autores 'contemplativos' trataram também deste tema, sabendo que a *praxis* é uma condição indispensável para a *theoria*; assim, o *Tratado Prático (Pratikós)* de Evágrio Pôntico (+399) precede o que se deve dizer em seguida sobre a contemplação; antes, a melhor análise sobre a “purificação” da alma das paixões e dos pensamentos impuros é oferecida pelos autores que viam a pureza moral em relação com oração; p. ex., as *Centúrias sobre a Caridade*, de S. Máximo Confessor (+662) (*Špidlík* 24-25; cf. A. L. V. Ribeiro, *A Cristologia de S. Máximo Confessor*. In: *Teo* 111, 1996, 45-61).

B. *Tendência contemplativa*. Esta tendência não poderia rejeitar a necessidade da *praxis*, porém nesta há um degrau para se poder subir à *theoria*, à contemplação; para entender o ideal contemplativo dos gregos é necessário voltar aos fundamentos da sua civilização; os gregos no séc. VI aC declararam que o propósito da vida é a ciência, o conhecimento (Anexágoras, *Stromata* II, 130, 2); isto não significa inatividade, mas que se quer favorecer a melhor atividade humana, a mente, ajudando-a a subir até Deus que é a plena inteligência; foram necessárias muitas precisações para que este ideal fosse compreendido e realizado em sentido autenticamente cristão a fim de que não contradissesse o primado da caridade; até o final do séc. IV, Evágrio Pôntico o fixou num corpo doutrinal sintético; a doutrina prática exige que se preste grande atenção aos '*logismoi*', que são pensamentos sobre os quais podem agir os oito demônios principais (Guerra 495); fixou a terminologia e estabeleceu as condições para a contemplação traçando, assim, a estrada que seria depois percorrida pelos grandes autores gregos (*Špidlík* 25); dentre os escritos clássicos sobre a contemplação se deve começar por Orígenes (cf. supra), em especial sobre as suas *Homilias* sobre o *Cântico dos Cânticos* (*Špidlík* 25); na liturgia bizantina, e em particular nos seus *hinos*, se cantavam as delícias da *theoria*, nos quais se deve descobrir o influxo das poesias de Gregório Nanzianzeno, chamado o teólogo (+389/390); o verdadeiro teórico da contemplação foi Evágrio Pôntico, apesar de acusado de heresia; ele compôs um livro de aforismos *Sobre a Oração*; sua obra foi retomada por Issac de Nínive (séc. VII). S. Máximo Confessor, com relação a *theoria* não acrescentou elementos novos, mas insere melhor a contemplação na sua grande síntese cristã-cósmica (*Špidlík* 25-26). Gregório Nanzianzeno sofreu influência de Orígenes e também de Atanásio (+373); defende a divindade do Espírito Santo e se interessa pela divinização do cristão (a 'divinização' será o viés da Teologia da Graça dos orientais, em contraste com os latinos, especialmente Agostinho, que professam o auxílio divino, *auxilium*); para o Nanzianzeno, a encarnação do Filho é a nova criação, que se completará na luta da Redenção; os mistérios da vida de Cristo precisam ser contemplados; a teologia é o conhecimento experimental de Deus; o contemplativo é animado pelo desejo de Deus, sobre a

montanha e penetra as nuvens, é purificado por Deus e entra no silêncio no qual se esgota toda admiração; para o Nanzianzeno, os Sacramentos são também mistérios; o cristão se dá conta de Cristo e procura imitá-lo, e isso o leva a derramar amor que há em si sobre o próximo, e que pode expressar-se na virgindade consagrada (Guerra 494).

C. *A mística estática*. Significa um ulterior progresso na contemplação; desde o início assume, porém, uma atitude reservada com a fé ilimitada na mente humana, que esteve na base da contemplação filosófica; a inteligência criada é uma grande faculdade, mas ela tomada individualmente não poderá jamais atingir a essência de Deus; a subida de Moisés ao Monte Sinai serviu para S. Gregório de Nissa (+390), o “pai da mística”, homem de vasta cultura e de muitas obras, ilustrar a necessidade do êxtase, isto é, da subida para Deus, não mais por meio do intelecto (símbolo da subida até o topo do monte, aos moldes dos filósofos), mas por meio do voo com as asas do amor; os elementos da teologia mística já se encontram desenvolvidos por Orígenes, mas o autor clássico permanece Gregório de Nissa e o seu *Tratado sobre a vida de Moisés*; sua influência será percebida em Diádoco de Fótice e em Máximo Confessor (Hammam 512). O Ocidente conheceu este ensinamento espiritual através de Dionísio Pseudo-Areopagita (séc. IV), cujas obras foram traduzidas para o latim, que o insere nas categorias do sistema neoplatônico, que dominará entre os Vitorinos, os Cistercienses, Guilherme de Thierry (+1148), no séc. XIII S. Tomás de Aquino e S. Boaventura, e mais tarde no Mestre Eckart (+1328), Tauléro e Ruybroeck, S. João da Cruz (+1591) e a Escola Carmelitana (*Špidlík* 26; cf. Hammam 512; Guerra 497); na Era Bizantina, no séc. XI, o maior místico foi Simão, o novo Teólogo (*Špidlík* 26). Para Gregório de Nissa, o homem, cuja verdadeira natureza era a virgindade, quis pecar, e tem a necessidade de voltar a encontrar sua beleza escondida e sua unidade fundamental na “impassibilidade” (*apátheia*), com a supressão das paixões que o desfiguram; é necessário que os sentidos materiais morram para que nasçam no homem os sentidos espirituais e, então, o Logos poderá unir-se à alma; nas suas obras se descreve a ascensão infinita da alma e sua união amorosa com Deus no matrimônio místico;

tal temática influenciará o Pseudo-Dionísio (cf. supra), Máximo Confessor, Gregório Palamas (+1359), Guilherme de S. Thierry e Bernardo de Claraval (+1153); sua mística professa a inacessibilidade da essência divina (Guerra 494).

D. *A experiência espiritual.* Os contemplativos gregos sublinharam fortemente o valor da inteligência humana, e os místicos, o papel do amor no seu supremo exercício; mas ambas as tendências desprezavam os sentimentos, que eram valorizados pelas pessoas simples; parece que os sentimentos pertencem à esfera do corpo, do sentido; então, como tais, parecem suspeitos; além disso, a vida no Espírito se vive no mistério, e, por isso, escapa da experiência direta; a atitude negativa dos PP gregos pela experiência espiritual foi condicionada pela heresia dos *messalianos*, também chamados *euquitas*, um movimento siríaco, que indicava o sentimento da graça com a sua existência na alma; isto era inadmissível; por outro lado, não se podia absolutizar a sentença contrária; o homem é uma consciência psicológica; se o Espírito pertence “ao seu ser”, este fato deve ter um bom reflexo na vida psíquica, na sua consciência, e também no subconsciente; a libertação ascética das consequências do pecado deve levar também a reflexos na esfera dos sentimentos; o senso espiritual (*aísthesis*, *peîra*, *pleroforía*) está presente nas *Homilias* do Pseudo-Macário (séc. IV-V), que está sob o forte influxo os *messalianos*, mas também o seu adversário Diodoro de Fótica (séc. V), cujos *Cem Capítulos sobre a Fé* dão sábias regras para distinguir os sentimentos espirituais das ilusões falaciosas; o órgão dos sentidos é o coração; por isto este termo, antes suplantado pelo *nous* (mente) na espiritualidade grega, faz lentamente retorno na literatura espiritual, especialmente mais tarde no séc. XIV, com o hesicaísmo bizantino (*Špidlík* 26-27), também chamado quietismo, que afirmava que é possível através da ascese desprender das preocupações do mundo, sob a direção de um mestre espiritual, da oração, e especialmente através de um completo relaxamento do corpo e da vontade, para se contemplar a luz mística, a luz incriada de Deus.

E. *Tendência Eremita*. O monacato surge no Egito, se expande para Síria e Palestina, e atingirá todo o Ocidente, com uma pluralidade de formas, e ocupará o lugar do martírio e da virgindade consagrada, cujos princípios espirituais assumirá (Guerra 494-495). S. Antão é considerado o 'Pai dos Monges' (+356), e sua vida foi biografada por S. Atanásio. A característica mais notável dos primeiros monges é a “fuga do mundo”; o abandono da estreita convivência humana e das impressões do mundo visível parecia condição indispensável para o bem da oração; em certo sentido, a tendência eremítica segue logicamente os princípios da contemplação grega, ou seja, a elevação da mente a Deus; se os antigos filósofos procuravam a solidão para o bem da inteligência, os cristãos adotaram o mesmo meio para rezar melhor; os elogios à vida eremítica podem ser lidos nos monges do deserto, os chamados 'PP do deserto', os quais, depois de S. Antão, defendiam a fuga do mundo, sobretudo Arsênio e Amônio Saccas; a estes se acrescentam Cassiano (cf. supra) que, mesmo que tenha escrito em latim, é verdadeira testemunha dos PP do deserto egípcio; de tendência eremítica são também os autores sinaítas S. João Clímaco (+649) e Ezíquio (séc. VIII-X?) (*Špidlík 27-28*).

F. *Tendência Cenobítica*. Cenóbios são lugares onde os monges exercitavam a vida comunitária; esta tendência surge entre os monges do Egito contemporaneamente ao eremitismo com os monges de Pacômio (+347); mas o seu grande legislador foi S. Basílio Magno com as suas duas *Regras* (cf. Supra), na qual estão presentes a obediência a todos os preceitos da Escritura, a renúncia a própria vontade, vividos no seio da comunidade segundo a medida humana, em que se estabelece certo equilíbrio entre oração, trabalho manual e intelectual, e a hospitalidade; a comunidade vive como o Corpo de Cristo na unidade do Espírito Santo; o ideal basiliano, realista em suas adaptações, acabará impondo-se no Oriente e no Ocidente; suas disposições práticas irão influenciar a reforma erudita do séc. VIII, no monte Atos, e no monacato russo (Guerra 495); mais tarde, Teodoro Estudista (+826) reformou os

mosteiros constantinopolitanos segundo o espírito basiliano; compôs duas séries de *Catequeses* que eram lidas nos mosteiros; o cenobitismo parte da “natureza social” do homem, aperfeiçoada pela lei da caridade de Cristo, e quer organizar a vida comum de tal forma que ela não seja obstáculo à oração, mas um meio eficaz de unir-se a Cristo; a disciplina basiliana que prevaleceu no Oriente foi inserida na legislação estatal de Justiniano para os monges; a vida eremítica, segundo as diretivas oficiais, foi reservada àqueles que aspiravam à oração superior depois de alguns anos de vida no cenóbio (*Špidlík* 28). Evágrio Pôntico, que teve experiência monástica e apresentou uma doutrina prática, fala que o monge deve purificar-se de seus pecados para viver na *apátheia*, numa ausência total de paixões, da qual possa brotar a caridade; a contemplação das coisas naturais se coordena com a contemplação das naturezas espirituais; o homem se eleva ao conhecimento da Trindade, em que a oração pura se realiza em plena nudez de espírito (Guerra 495). Macário (+390) apresenta a experiência pessoal das realidades divinas; insiste na oração contínua, na luz da vida espiritual e no olhar do coração; o que Macário disse sobre a presença do pecado e da graça no homem fez com que sua teologia fosse associada aos messalianos, para os quais a vida espiritual assume formas rígidas, que seriam condenadas como heréticas (Guerra 495).

G. *A experiência Cósmica*. A “vitória da ortodoxia” depois das lutas iconoclastas (séc. XI) encerra a história da espiritualidade patrística grega; à primeira vista parecia um apêndice insignificante depois das grandes discussões trinitárias e cristológicas; mas, na verdade, trata-se da sua última consequência vivida na devoção do povo, o Cristo cósmico, a presença do Espírito em todo o criado, representados nos ícones; o intelectualismo místico condena as imagens, as impressões sensíveis; a realidade material do mundo é distração; mas, por outro lado, os PP gregos sabiam bem que a ascese purifica os olhos, lhes abre a visão beatífica do primeiro homem para poder contemplar a Deus no universo visível, e descobrir na beleza visível o que é Invisível (*Špidlík* 28-29).

Gêneros Literários

Nesta seção serão recordadas algumas obras dos PP com as quais se pode apreender a espiritualidade da Igreja na Antiguidade. Na verdade, de todas as obras do período patrístico se pode conhecer a espiritualidade da Igreja; aqui se quer apresentar apenas alguns destaques; dos textos litúrgicos, que são expressões das mais valiosas da espiritualidade da Igreja, se tratou na abordagem cronológica.

A. *Cartas*. O gênero epistolar está bastante presente no Novo Testamento e foi desenvolvido pelos PP. Merecem destaque as Cartas de Clemente Romano e de Inácio de Antioquia no fim do séc. I e no início do séc. II; as Cartas de Dionísio, Bispo de Corinto, nos anos 160-170, enviadas a várias Igrejas, Roma, Lacedemônia, Atenas, Nicomédia, Creta, Ásia Menor (cf. Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, 4,23-1-11) a fim de animar os irmãos a perseverar na fé, combater as heresias, procurar a comunhão com Cristo e entre si, e reavivar a memória cristã (Hoornaert 151); outra modalidade, acima citada, é constituída pelas Cartas dos Padres a seus dirigidos espirituais.

B. *Tratados*

a. A *Vida de Santo Antão*, escrita por Santo Atanásio [Paulus, 2002, Coleção Patrística 18], pode ser considerado uma espécie de manual ascético para os monges; isto não é ensinado pelo exemplo do monge, mas acrescentado como tema dos discursos que lhe são atribuídos (Špidlík 29);

b. Os *Apoftegmi dos Padres*: são como aforismos, com exemplos por vezes bizarros e ensinamentos rudimentares; dificilmente se encontra outra obra que toque em quase todos os aspectos da vida espiritual, da conversão à oração mística.

c. *A história de Lausica* de Paládio (+431);

d. *Prado Espiritual* de João Mosco (+619); nele estão as várias modalidades de vida monásticas; nas diferentes florezinhas orientais o monge combate corajosamente o diabo; a visão e o milagre são as realidades correntes, que terão influência na posteridade (Guerra 498);

e. *História Religiosa* de Teodoreto de Ciro (+466);

f. Os *Diálogos* de Gregório Magno relatam prodígios que encantarão a credulidade das gerações futuras (Guerra 497);

g. *A Escala do Paraíso* de João Clímaco (+649) [*A Escada Santa*; S. Paulo, Cultor dos Livros, 2014] parece um tratado sistemático com 33 graus, que são capítulos sobre as diversas virtudes, da renúncia do mundo até a caridade, a luta contra as paixões, desde a vida prática até a contemplação de união com Deus, a *hesychia*, a quietude integrada por tranquilidade exterior; esse tema será tratado pelo movimento hesicasta, na controvérsia palomita e na renovação monástica russa; cada capítulo contém “definições” aforísticas que exprimem diversos aspectos do tema tratado (*Špidlík* 29; cf. Guerra 498).

C. As *Regras Monásticas*, algumas citadas acima, refletem o problema da direção de grandes massas de homens; elas são consideradas expressão da vontade divina, a qual se deve obediência; esta se encontra também nos 'PP do deserto', em que o ancião, o abade, dá diretrizes espirituais a propósito, do trabalho, da humildade, do silêncio, das tentações, e dos pensamentos dos homens (Guerra 495); no Oriente tem-se as duas *Regras* de Basílio Magno, na África a *Regra* de Agostinho, que terá grande influência na Europa medieval, especialmente nos cabidos das catedrais e nas Ordens regulares; no Ocidente terá total penetração na Europa medieval a *Regra* de S. Bento (séc. VI), especialmente a partir da reforma cultural e religiosa do Imperador Carlos Magno (+814), que implicou numa significativa renovação cristã, através de suas iniciativas: convocou de sínodos de Bispos, emanou leis, favoreceu a produção teológica e fundou escolas (Guerra 498).

No Oriente, na Era Bizantina, tentou-se sintetizar toda a doutrina dos PP gregos através de 'florilégios': os *Panditos* de Nicon da Montanha Negra (+1088) foram escritos com a finalidade de oferecer aos monges que fugiam da Ásia Menor por causa das invasões dos sarracenos (mulçumanos), um compêndio patrístico e jurídico que substituiria as bibliotecas; a *Sinagoguê* de Paulo Evergentino (+1054) é uma obra similar, menos jurídica e mais espiritual; a *Filocália* (Paulus, 2006, 7ª ed.) de Macário de Corinto (+1805) e Nicodemo Agiorita (+1809) ajuda a conhecer a espiritualidade grega sem, contudo, ser completa (Špidlík 29).

Conclusão

Este estudo sobre a espiritualidade da Igreja na Antiguidade a partir dos textos dos Padres da Igreja, para as quais remete, não pretendeu ser exaustivo, mas apresentar as grandes linhas na qual ela foi concebida e encarnada.

O ordenamento eclesial, no tempo e no espaço, assinala as opções felizes que a Igreja fez para edificar-se ao testemunhar a fé em Jesus Cristo, seu Senhor e, assim, expressa a sua espiritualidade. E os variados textos dos Padres da Igreja assim o testemunham.

Homens de vulto, *ad intra et ad extra ecclesiae*, os Padres da Igreja foram líderes espirituais no tempo em que viveram, muitos dos quais testemunharam seu amor por Cristo derramando seu sangue, e sua espiritualidade se projetou na Igreja de todos os tempos. A espiritualidade dos Padres, fixada nos seus textos, reflete também a espiritualidade das pessoas das diversas categorias e estados de vida, e das diferentes instituições forjadas no seio da Igreja (virgens, eremitas, cenobitas, monacato etc.). Conhecer a espiritualidade dos Padres é, portanto, conhecer a espiritualidade de toda a Igreja na Antiguidade, e voltar aos textos dos Padres, a volta às fontes como se propôs no séc. XX, é mais um meio de se dar razão à fé em Cristo (1Pd 3, 15) através de sua Igreja, no presente e no futuro, na espera feliz de sua volta.

REFERÊNCIAS

(*) P. E. Arns, *Nova forma de consagração da mulher*, S. Paulo, Paulinas, 1974; *Consagração da mulher para tempos novos*, S. Paulo, Paulus, 2003 [Estas duas obras contém a versão em português do Decreto do Papa Paulo VI *Ordo Consecrationis virginum*, que restaura as Virgens Consagradas; posteriormente, em 2018, a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica emanou a Instrução *Ecclesiae Sponsae Imago* sobre a Ordem das Virgens, publicada pela Editora da CNBB (2018, Documento da Igreja 50)].

A. Benoit. *A atualidade dos Pais da Igreja*. Trad. D. G. V. Santos. S. Paulo, Aste, 1966; Título original: *L'Actualité des Père de L'Église* (Neuchâtel, Delachaux et Niestle S. A., 1961).

U. R. de Carvalho. Curso de Patrística, v. II. Mimeo.

F. A. Figueiredo. Curso de Teologia Patrística, v. II. Petrópolis, Vozes, 1984.

_____. Introdução à Patrística. Petrópolis, Vozes, 2009

A. Guerra, História da Espiritualidade; in: Dicionário de Espiritualidade. S. Paulo, Paulinas, 1989, 490-509.

E. Hoornaert. Memória do Povo Cristão. Petrópolis, Vozes, 1986.

A. Hammam. Espiritualidade; in: Dicionário de Patrística e de Antiguidades Cristãs. S. Paulo: Coedição Vozes-Paulus, 2002, 511-513.

E. Romero-Pose, Exegesis patrística y Liturgia; in: Liturgia y Padres de la Iglesia. Bilbao, Grafite Ed., 2000, 11-62.

T. Špidlík; I. Gargano. La spiritualità dei Padri greci e orientali. Roma, Borla, 1983.